

Atualidades

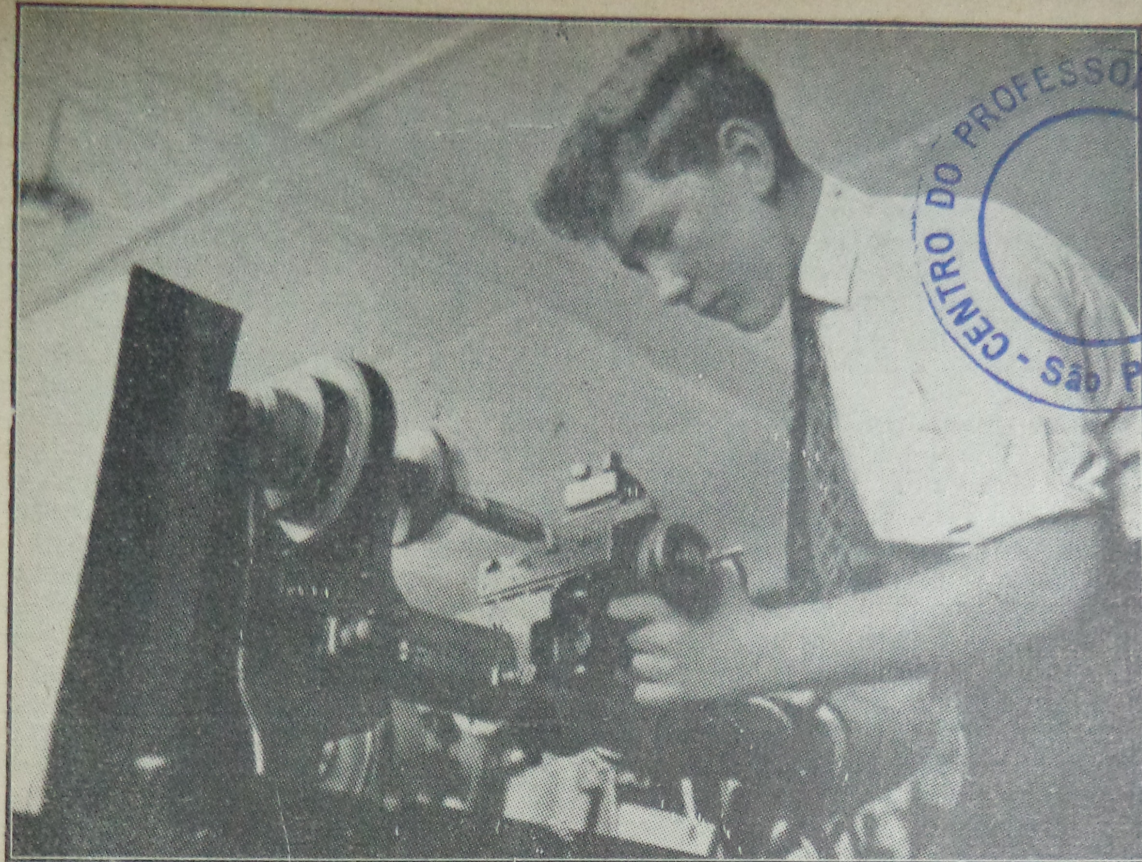
ANO II - N.º 8

MARÇO
E ABRIL
DE 1951

PEDAGÓGICAS

Colégio Adventista Brasileiro (Reportagem no texto)





“Trabalhos manuais” não quer dizer trabalhos das mãos!!!

CORINTO DA FONSECA

Autor de numerosas teses e monografias sôbre a disciplina em questão.

No Brasil, há o costume de cada indivíduo, mais ou menos notável, fazer-se dono de um assunto, ou de uma personalidade.

E ninguém fica com o direito de tratar de tal assunto ou de tal personalidade, porque um ou outra se tornaram propriedades exclusivas de um único privilegiado.

Não vale a pena, nem eu quero, aqui, citar exemplos.

Mas, nem porisso, êles deixam de superabundar.

Ora, eu, ao que me parece — e sinto muito — fiquei sendo, também, um exemplar dessa fauna.

Tornei-me “dono” dos Trabalhos Manuais.

Mas manda a boa justiça declarar, ainda que feita, suspeitamente, por mim, a mim mesmo, que não fui eu quem arrendou, com exclusividade, êste assunto.

Fizeram-me dono dêle, embora contra a minha vontade.

Desde 1912, venho pregando, ensinando, exemplificando, realizando, a verdadeira orientação a dar à sua aplicação, no terreno da Educação.

Os resultados concludentes apresentados foram aceitos e aprovados por quantos dêles tomaram conhecimento, sobretudo educadores e altas autoridades do ensino.

O INEP, ao tempo em que era dirigido pelo professor Lourenço Filho, também aprovou as minhas experiências, à vista dos resultados probantes apresentados.

A meu pedido, de um exame severo, pedido feito como um auxílio censor que lhe apurasse, sem reservas, os erros e as imperfeições, a A.B.E. designou uma comissão para êsse exame.

Essa comissão cumpriu o seu mandato e elaborou um relatório, conferindo grau Dez, ao meu trabalho. Êsse relatório foi publicado no “Jornal do Brasil” de 22 de

março de 1941, subscrito pelos membros dessa comissão, professores Alair Acioly Antunes, Celso Kelly e Francisco Venâncio Filho, com a data de 24 de dezembro de 1940.

O professor Fernando Segismundo, na sua tese de concurso para o cargo de Técnico de Educação no qual, pela aprovação da mesma, foi merecidamente provido, tomou os resultados da minha atividade pedagógica e didática, como paradigma e exemplo.

Antes disso, porém, o professor Lourenço Filho, prefaciando o meu livro *A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais*, em 1929, foi mais positivo, elevando o merecimento desse esforço, cuja única qualidade, que eu não posso deixar de reconhecer, é a de ser um relatório sincero, leal e sentido, de meu esforço honesto e bem intencionado promoveu-me até às alturas de um Precursor na Educação.

Aqui transcrevo o trecho desse prefácio que, confesso, me *encabudou*, pois me guinda às alturas de precursor *ex-cultivo* de idéias e princípios educativos que só mais tarde seriam *formulados* por grandes filósofos e educadores, tais como Collings, Decroly, Dewey e Kerchensteiner. Entre parênteses: essa exaltação serviu-me para amargar o destino de todos os precursores, destino que não é tão excelente como se pensa...

Eis essa girândola glorificante que um dos maiores pedagogos e sociólogos brasileiros vivos, que é o professor Lourenço Filho, atirou ao ar, girândola que foi, para mim, a mais exaltadora das consagrações:

"Sem se filiar a sistema pedagógico definido, dos muitos que se disputam a simpatia dos mestres, na América e na Europa, sem copiar fórmulas ou princípios, e sem pretender mesmo criar novas doutrinas, o Professor Corinto da Fonseca estabelece, com singeleza e modestia, contando apenas o que experimentou, as bases de um verdadeiro plano de escola ativa. Explicando como se prepara a classe para a execução de um trabalho, expõe os fundamentos do "project method", de Collings; explanando como se aproveita o motivo para a recordação e sistematização dos conhecimentos anteriores, lembra a globalização preconizada por Decroly; aconselhando a cooperação no trabalho, expõe as idéias socializadoras da escola de amanhã, defendidas por Dewey e Kerchensteiner. Mas o que importa assinalar

é que as realizações, donde Corinto da Fonseca tira as suas teorias, NÃO SÃO DE HOJE, MAS DE CÊRCA DE VINTE ANOS ATRÁS, E QUE AS SUAS IDÉIAS NÃO FORAM COPIADAS DÊSSES AUTORES. Noutro país, talvez, força é confessar, sua obra teria sido amparada e amplamente difundida, pois que foi, na verdade, a PRECURSORA da escola por que todos os renovadores se batem".

Ora, nesse livro, bem como, depois, em cursos, lições e artigos de jornais e revistas, eu contei e expliquei todos os segredos que me tinham levado a fixar claramente, a verdadeira — e única — orientação adequada, para os Trabalhos Manuais.

Não fiz, pois, sequer, caixinha de segredos, como ainda faz certa cultura decorativa, à feição da maçonaria das corporações de ofícios, da Idade Média.

Portanto, não foi por meu gosto, antes, por meu desgosto — e profundo — que fui forçado a ser, no Brasil, o dono dos Trabalhos Manuais.

Fiz tudo e tudo estou fazendo, quanto de humanamente possível, para que todos fôssem, e sejam, como eu, igualmente donos do assunto.

Mas parece que quase ninguém tem querido nada com os Trabalhos Manuais, salvo por um — sim, senhor! — ou um — muito bem! — plaudentes, quando não se prefere tratá-los como bolinhas brilhantes e coloridas, para efeito decorativo e tema de enfeite, da árvore de Natal dos discursos e conferências litero-pedagógicas, mais literárias do que pedagógicas, no duro.

Entretanto — muito bem! — plaudentes, peço licença para destacar o que lá está, como uma salva de palmas, das mais expressivas, no que dispõe a portaria número 557, de 16 de novembro de 1945, que expediu programas de trabalhos manuais e respectivas instruções metodológicas de orientação.

Aí se diz que os Trabalhos Manuais "não têm objetivos profissionais ou de preparação para atividades industriais", devendo ter uma finalidade que "é essencialmente educativa".

Se assim é, para o curso secundário, em que o aluno está mais perto de começar a conjugar o duro verbo *ganhar a vida*, ainda mais exigíveis devem ser aquela restrição e esta limitação exclusivista, no ensino primário.

No entanto, o departamento municipal da Secretaria Geral de Educação e

Atualidades Pedagógicas

Cultura, dedicado a preparar professores para o ensino primário, tem o título, contraditório e paradoxal, de *Setor de atividades "prévocacionais!"*

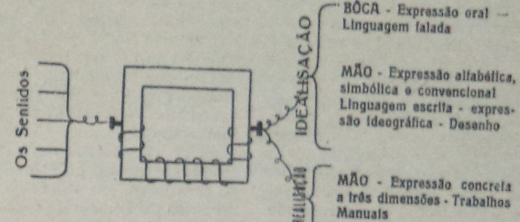
Tanto quanto se compreende possa ser explícita uma norma de orientação, a portaria 557 é clara e precisa, faltando-lhe apenas acrescentar o que talvez fôsse, até, julgado óbvio, isto é, que os Trabalhos Manuais são uma terceira prova de exame, além e mais convincente do

A prova de que o impulso dado, conquanto forte, ainda não foi bastante, é que se apurou uma contra-reação, num quase *retour au naturel, au galop*, depois desse *naturel* ter sido *chassé*.

É o que se verifica pela interrupção dos Trabalhos Manuais, no fim do curso fundamental, chamado, ainda, inexplicavelmente, de ginásial.

Que as intenções são ótimas, com esse forte início de *mise en pratique*, não

IMPRESSÃO



que a escrita e a oral, de que o que foi ensinado, chegou a ser perfeitamente aprendido.

A consequência dessa omissão foi uma outra que urge corrigir.

É quando os Trabalhos Manuais são excluídos dos cursos clássico e científico, detendo-se no curso ginásial.

Além de indispensáveis, no curso fundamental, os Trabalhos Manuais tornam-se *indispensabilíssimos*, no curso clássico, ainda mais, muito mais, no científico, sobretudo no ensino de Física, Química e História Natural.

O nobre esforço que nesse programa se nota, é uma reação contra a pesada herança manietadora, da pedagogia classicista, filha errada do sistema medieval das *sete artes liberais* e conseguiu um avanço considerável, sobretudo corajoso, por ser, também, uma reação contra a expressão média da nossa mentalidade geral.

Foi muito, foi tudo, o que se pôde fazer, no caminho da nossa redenção pedagógica, mas ainda não bastou, tal o peso da gravitação a vencer.

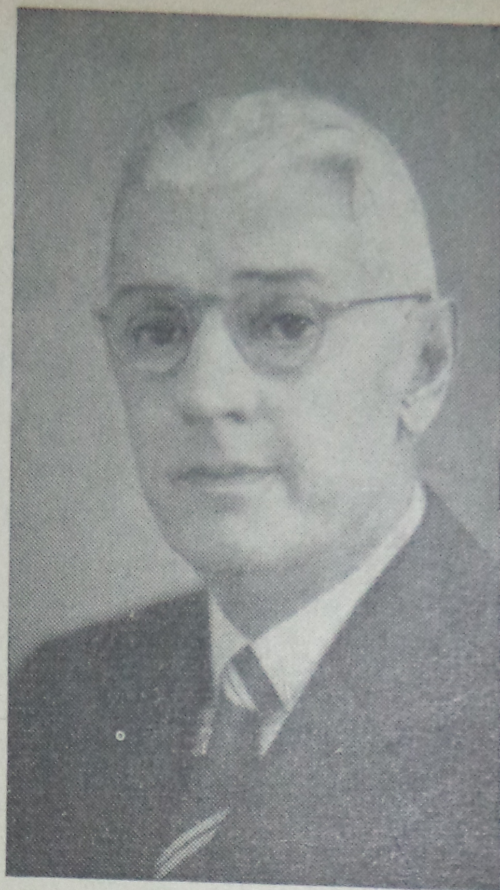
Felizmente, tudo faz crer que essa gravitação será finalmente vencida, o que não vai demorar, estou certo — graças a Deus! — pelo espírito novo de reação de que vejo animados os próceres atualmente na direção do ensino federal.

há a menor dúvida, tanto mais quanto cheguei a ser alvo da grande honra de ver o meu livro *A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais*, como o único, de autor brasileiro, oficialmente indicado à consulta dos professores o que lhe valeu por uma expressiva consagração, nas Instruções do programa de Trabalhos Manuais.

Eis a certeza da sinceridade, felizmente reinante, nos arraiais da educação federal.

É essa sinceridade que me anima a declarar, aqui, que os Trabalhos Manuais, no programa e nas instruções, não atingiram, ainda, a latitude integral que dei, não só na formulação do problema, como, principalmente, nas experiências, provas e demonstrações, que relato no meu livro; experiências, provas e demonstrações que receberam a aprovação, não só de todas as autoridades oficiais que as testemunharam, do quilate de um Lourenço Filho, como do I.N.E.P. e da A.B.E. que são instituições cupulares, no conjunto arquitetônico, federal, da Educação Nacional.

Nada mais natural, portanto, finalmente, do que aquela reticência que interrompe os Trabalhos Manuais no fim do curso ginásial, determinar o desvio de orientação do próprio texto do programa estabelecido.



JACOMO STÁVALE

EXERCÍCIOS DE GEOMETRIA

PASSEMOS agora à nossa terceira regrinha para resolver pequenos exercícios teóricos, e com a qual podemos mesmo demonstrar numerosos teoremas fundamentais da Geometria. A regrinha que vamos apresentar neste artigo concorre poderosamente para facilitar a demonstração dos teoremas cujo conjunto é conhecido sob o nome de *relações métricas nos triângulos, nos quadriláteros e na circunferência*.

Começaremos com um exemplo. Por um ponto M tomado no interior de uma circunferência de centro O , traçamos duas cordas quaisquer AB e CD . Vamos demonstrar que o produto dos segmentos MA e MB é igual ao produto dos segmentos MC e MD .

O enunciado completo deste teorema é o seguinte:

Se, por um ponto tomado no interior de uma circunferência, traçarmos duas cordas quaisquer, e medirmos os quatro segmentos com a mesma unidade, o produto

dos números que medem os dois segmentos de uma das cordas é igual ao produto dos números que medem os dois segmentos da outra corda.

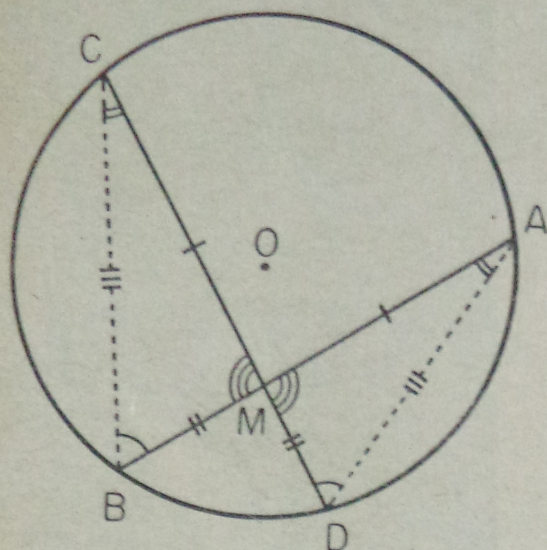
Entretanto, na prática, autores e professores admitimos o seguinte enunciado, mais simples:

Se, por um ponto tomado no interior de uma circunferência, traçarmos duas cordas quaisquer, o produto dos dois segmentos de uma delas é igual ao produto dos dois segmentos da outra.

Mas, adotando este segundo enunciado, não devemos esquecer o seu verdadeiro significado, já bem esclarecido no primeiro enunciado.

Isto pôsto, vamos demonstrar o teorema que acabamos de apresentar. Trata-se de provar que o produto dos segmentos MA e MB é igual ao produto dos segmentos MC e MD . Como? **Procurando dois triângulos dos quais estes dois segmentos façam parte.**

Mas, tais triângulos não existem na figura! Isto é o de menos; traçamos as cordas AD e BC e aí estão os triângulos AMD e BMC com os quais vamos chegar ao fim colimado.



Preparada a figura, comparemos estes triângulos. O ângulo B é igual ao ângulo D , porque ambos têm por medida a metade do arco AC ; o ângulo A é igual ao ângulo C , porque ambos têm por medida a metade do arco BD ; logo, os dois triângulos são semelhantes (1).

Antes de prosseguirmos, convém observar que é de capital importância, dados dois triângulos semelhantes, assinalar de um modo especial os lados e os ângulos homólogos, tal qual como fazemos quando temos de demonstrar teoremas baseados na igualdade de triângulos (2).

Ora, se os triângulos AMD e BMC são semelhantes, seus lados homólogos são proporcionais; logo, podemos escrever:

$$\frac{MA}{MC} = \frac{AD}{BC} = \frac{MD}{MB} \quad (1)$$

(1) *Elementos de Matemática* — Quarto Volume, § 83.

(2) Vide *Atualidades Pedagógicas*, n.º 5, pág. 12.

Mas a nossa tese é:

$$MA \cdot MB = MC \cdot MD.$$

Portanto, no conjunto (1) há uma razão que não nos interessa; é a segunda; suprimindo-a, resulta:

$$\frac{MA}{MC} = \frac{MD}{MB}$$

Chegamos assim a uma proporção, à qual, aplicando a propriedade fundamental das proporções, nos dá o seguinte resultado:

$$MA \cdot MB = MC \cdot MD$$

Ora, este resultado é justamente a tese do teorema que nos propusemos demonstrar no início desta palestra.

Depois deste exemplo, podemos estabelecer a nossa terceira e última regrinha.

Regra. Para demonstrar que um produto de dois segmentos é igual a um outro produto também constituído por dois segmentos, procuramos dois triângulos dos quais estes quatro segmentos façam parte; a seguir, demonstramos que estes dois triângulos são semelhantes; depois, escrevemos que os três lados de um deles são proporcionais aos três lados do outro; observando a tese, suprimimos a razão que nos interessa à nossa demonstração; resulta uma proporção, e com a aplicação do teorema fundamental das proporções, o nosso teorema estará demonstrado.

Para aplicações desta regra recomendamos aos nossos leitores a série XLV dos nossos *Elementos ou Problemas de Matemática*, para a 4.ª série do primeiro ciclo ginásial.

E com este artigo concluímos algumas sugestões que, talvez pretensiosamente, tomamos a liberdade de oferecer aos que se iniciam no ensino da Matemática.

Agradecemos aos que se dignaram dispensar um pouco de atenção a estas palestras didáticas e esperamos receber algumas palavras de crítica.

Como escolher um bom livro didático

Segundo a opinião unânime de autoridades em literatura escolar, um livro didático, para ser considerado bom, deve preencher os seguintes requisitos essenciais, quanto à substância, à forma e ao método: 1.º exatidão da matéria tratada; 2.º clareza e segurança na exposição; 3.º didaticidade e método dos assuntos; 4.º perfeição tipográfica e 5.º boa apresentação material.